

O trabalho do Intérprete de Libras na Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso das aulas de Física

The work of Brazilian Sign Language Interpreter in Education for Youth and Adults: a case study of Physics classes

Diego Marcelli Rocha

Programa de Pós-graduação em Educação / Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo
diegomarceli@usp.br

Sabrina Gomes Cozendey

Departamento de Psicologia / Universidade Federal de São Carlos
sgcfisica@yahoo.com.br

Márlon Pessanha

Programa de Pós-graduação Interunidades em Ensino de Ciências / Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
marlonpessanha@yahoo.com.br

Resumo

A inserção de alunos com deficiência auditiva nas classes regulares de ensino é uma realidade. De acordo com a legislação vigente, estes alunos devem ter a sua disposição o auxílio de um Intérprete de Libras em sua escolarização. Nesta pesquisa acompanhamos o trabalho de um Intérprete de Libras em início de carreira, nas aulas de Física da Educação de Jovens e Adultos, que contavam com dois alunos com deficiência auditiva. Buscamos caracterizar o trabalho do Intérprete neste contexto e conhecer quais eram as dificuldades enfrentadas pelo Intérprete, e o papel que este assumia ao tentar superá-las. O estudo constatou uma grande dificuldade do Intérprete com relação ao domínio dos sinais específicos ligados ao conteúdo físico, e permitiu vislumbrar de um trabalho do Intérprete que vai além da simples interpretação das aulas, em que ele assume para si a responsabilidade pela aprendizagem de seus interlocutores.

Palavras chave: Intérprete, Libras, Deficiência auditiva, EJA, Estudo de Caso.

Abstract

The inclusion of students with hearing impairment in regular education classes is a reality. According to current Brazilian legislation, these students must have at their disposal the assistance of an Brazilian Sign Language interpreter in their schooling. In this research we follow the work of an interpreter in early career, in Physics classes of Education for Youth and Adults, that had two students with hearing impairment. We seek to characterize the work of the interpreter in this context and to know the difficulties faced by the interpreter, and the

role he assumed to try to overcome them. The study found great difficulty of Interpreter in the domain of signs related to specific physic content, and allowed a glimpse of an interpreter's work that goes beyond the simple interpretation of classes, in which he takes on the responsibility for learning of his interlocutors.

Key words: Interpret, Libras, hearing impairment, Education for Youth and Adults, Case Study.

Introdução

Já há algumas décadas se discute a inclusão de pessoas com necessidades especiais em classes comuns da rede regular de ensino. Tais discussões têm sido refletidas em muitos documentos oficiais, como na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), Declaração Mundial Sobre Educação para Todos (UNESCO, 1998) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), os quais de certa forma assumem esta inclusão como um direito fundamental. Desde 2001 temos no Brasil definidas as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), as quais além de garantirem aos alunos com necessidades especiais o direito de se matricular na escola regular e de terem um apoio pedagógico especializado em salas de recursos, asseguram uma devida preparação das classes comuns que receberão os alunos com necessidades especiais.

Pensar em uma preparação das classes para receber estes alunos é, de certa forma, pensar em como se dá a aprendizagem desses alunos e como a deficiência interfere ou condiciona essa aprendizagem. No caso específico das pessoas com surdez ou deficiência auditiva¹, Vygotski (1997) já afirmava em seus estudos sobre *defectologia*, que uma pessoa com esta deficiência apresenta condições cognitivas iguais a uma pessoa sem a deficiência, e o que diferiria o seu desenvolvimento seria apenas o fato dele ocorrer por caminhos diferentes. Isto quer dizer que a surdez ou a deficiência auditiva não está relacionada a uma dificuldade de aprendizagem, mas sim que para que a aprendizagem da pessoa com deficiência auditiva ocorra se faz necessário um trabalho diferenciado, que explore meios de ensino e aprendizagem diferentes dos usuais, que normalmente privilegiam a linguagem oral.

Ao considerar que o indivíduo com deficiência auditiva consegue ler o mundo por vias visuais, e que a linguagem mímico-gestual é uma expressão cultural importante no processo de socialização das pessoas com deficiência auditiva, Vygotski (1997) defende o uso dessa linguagem e afirma ainda que o processo psicológico centrado nessa linguagem cumpre, mesmo sendo diferente do processo centrado na linguagem oral, a mesma função social. Assim, para o contexto brasileiro, pode-se considerar como um dos caminhos para a educação da pessoa com deficiência auditiva, o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Indo de encontro com a ideia de Vygotsky, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica preveem a “[...] atuação de professores-intérpretes das linguagens e códigos aplicáveis” como um apoio especializado (BRASIL, 2001). No Brasil, a Libras é

¹ No âmbito da comunidade acadêmica brasileira, o termo “deficiência” é aceito como preciso e politicamente correto quando utilizado em expressões como “pessoa com deficiência” ou “aluno com deficiência”. Assim, neste trabalho utilizamos estas expressões. Em outras línguas, palavras que correspondem diretamente ao termo “deficiência”, como “deficiencia” no castelhano e “deficiency” no inglês não são utilizadas por serem entendidas como politicamente incorretas. Nestes casos, utilizam-se outros termos como “discapacidad” (castelhano) e “impairment” (inglês).

reconhecida legalmente como um meio de comunicação e expressão das pessoas surdas² (BRASIL, 2002), e assim, a atuação de professores-intérpretes de Libras é prevista como um apoio na educação do aluno com surdez ou deficiência auditiva, sendo sua presença na escola regular inclusiva já regulamentada por decreto presidencial (BRASIL, 2005).

Como o processo de inclusão no Brasil é consideravelmente recente, e como anteriormente a atuação de um intérprete de Libras na educação limitava-se, muitas vezes, às escolas especiais direcionadas especificamente para alunos com surdez ou deficiência auditiva, há de se investigar o papel do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva e sua contribuição para a aprendizagem dos alunos os quais acompanha. Somado a isto, há um cenário particular, mas não pouco frequente que se desencadeou com o processo de inclusão: entre os alunos com deficiência auditiva e surdez que têm ingressado na educação regular, estão aqueles que por algum motivo interromperam ou iniciaram tardiamente os estudos, de forma que sua inserção na escola regular ocorre em turmas de Educação para Jovens e Adultos (EJA).

No trabalho aqui apresentado, a partir de um contexto complexo envolvendo alunos com deficiência auditiva incluídos em turmas da EJA, em um estudo de caso específico sobre as aulas de Física, buscamos caracterizar o trabalho do Intérprete neste contexto, e ainda, conhecer quais eram as dificuldades enfrentadas pelo Intérprete, e o papel que este assumia ao tentar superá-las.

Metodologia

A fim de conhecermos mais sobre o trabalho do Intérprete de Libras na Educação para Jovens e Adultos (EJA), acompanhamos durante quatro meses o trabalho de um Intérprete em início de carreira, nas aulas de Física. O Intérprete participante da pesquisa acompanhava dois alunos com deficiência auditiva. Tais alunos estavam regularmente matriculados no curso de Ensino Médio da Educação para Jovens e Adultos (EJA) de uma cidade do Vale do Paraíba. Os dois alunos possuíam, ambos, 22 anos de idade.

Em nosso trabalho em que buscamos conhecer melhor o trabalho do Intérprete com os alunos com deficiência auditiva, fizemos uso da observação em sala de aula. Para Bogdan e Biklen (1994) a atividade de campo, permite ao pesquisador estar dentro do mundo do sujeito que deseja pesquisar, ainda que esteja do lado de fora desse mundo. Sendo assim, através da observação em sala de aula e das notas de campo analisamos com detalhes as atividades exercidas pelo sujeito participante dessa pesquisa. As observações ocorreram semanalmente em um período de 4 meses, com duração de 2h por sessão, onde pudemos acompanhar o trabalho do Intérprete nas aulas de Física na modalidade da EJA.

Além das observações em sala de aula, realizamos uma entrevista de cerca de 40 minutos com o Intérprete ao final do período de observação. A entrevista semiestruturada, foi pensada com o intuito de fornecer dados complementares àqueles obtidos durante a observação em sala de aula, permitindo assim uma análise mais completa do papel do intérprete.

Resultados e Análise dos Dados

² Ainda que a Libras seja uma linguagem própria da comunidade surda, ela é utilizada como meio de comunicação de pessoas que, apesar de não terem uma surdez congênita, possuem grande dificuldade em interagir pela linguagem oral, como as que possuem uma deficiência auditiva severa ou profunda.

Fazendo uso dos dados expostos na entrevista e na observação da atuação do Intérprete em sala de aula, buscaremos descrever o quanto o seu papel é relevante na inclusão dos alunos com deficiência auditiva nas aulas de Física.

Para isto, apresentaremos algumas características do Intérprete participante de nosso estudo. O Intérprete possui formação superior em Licenciatura em História, mas até o momento em que a pesquisa foi realizada, não havia exercido a carreira docente. Após a sua formação inicial como professor de História, o Intérprete atuou na área da saúde, onde, durante mais de 10 anos trabalhou como assistente de farmácia de um grande hospital do Vale do Paraíba, no interior de São Paulo. Segundo o Intérprete, seu primeiro contato com a Libras no sentido de aprendê-la foi resultado de certa curiosidade com relação à mesma, fruto de sua amizade com alguns sujeitos que possuíam algum tipo de deficiência auditiva e que, por sua vez, dominavam a Libras. Todavia, segundo o próprio Intérprete, tal interesse e curiosidade não foram os únicos propulsores para que ele mudasse de área e optasse por se tornar um Intérprete de Libras, pois as questões financeiras e profissionais também lhe serviram de norte.

Conhecidos os aspectos motivacionais que levaram o participante da pesquisa, formado em História e ex-assistente de farmácia, a optar pelo trabalho de Intérprete, conheceremos um pouco mais a respeito de sua formação com relação a Libras. O Intérprete revelou que atuava na área de ensino a mais ou menos um ano. Entretanto, o seu curso de formação para Intérprete não foi específico para o trabalho na área de ensino. Segundo ele, sua formação em Libras foi mais voltada à interpretação de situações cotidianas como a compra de uma determinada vestimenta, ou solicitar uma estadia em um hotel, etc. Assim, conforme o próprio Intérprete reconhecia, sua formação não lhe preparava para o seu trabalho em sala de aula, o que acabava dificultando o seu trabalho.

Um aspecto ligado à formação do Intérprete de Libras para atuar em aulas inclusivas, está relacionado ao conhecimento de alguns sinais mais específicos de cada disciplina. Vale destacar, entretanto, que ainda que o Intérprete se especialize em conhecer cada vez mais sinais, seu trabalho é condicionado pela relação que os alunos que ele acompanha têm com a Libras. Isto, que vai além da formação como Intérprete, é destacado pelo Intérprete quando perguntado sobre as principais dificuldades que ele enfrentava com relação a Libras nas aulas de Física:

“(...) mas o problema é que em geral eles não têm conhecimento de sinais, Sinais em Libras mesmo. Assim, trajetória, caminho, aceleração, posição (faz os sinais em Libras para os termos “caminho”, “aceleração” e “posição”), quando você faz os sinais, eles olham para você e dizem “o que é isto?” Eles não entendem. Aí eu tenho que ir para aula como uma prancheta, aqui (mostra a prancheta) eu faço o monte de explicação para eles”.

Percebamos do extrato anterior, a dificuldade enfrentada pelo Intérprete que utiliza sinais que se remetem a conceitos que são próprios da disciplina de Física, mas que cotidianamente não são utilizados pelos Sujeitos. Além disso, durante as observações em sala de aula percebemos que existe uma grande diferença no domínio da Libras entre os dois alunos que são acompanhados pelo Intérprete. Um deles possui um conhecimento significativo da Libras, enquanto o outro apresenta uma grande defasagem no trato dessa linguagem. É enganoso pensar que os alunos que possuem deficiência auditiva dominam por completo a Libras. Esse é um fato que deve ser levado em consideração na inclusão desses alunos em sala de aula, pois, essa realidade nos remonta a pensar no papel do Intérprete nas aulas, e o próprio sentido do que é uma sala de aula inclusiva para alunos com deficiência auditiva, o qual não se

resume à simples presença do Intérprete na sala de aula, afinal, de nada adiantaria o Intérprete realizar as interpretações se o aluno desconhece a grande maioria dos sinais e da estrutura da linguagem.

Dessa forma, temos duas relações conflituosas, a primeira que se refere à relação do Intérprete com os sinais mais específicos do conhecimento físico e a outra diz respeito à relação dos alunos surdos com a Libras. Essas duas relações conflituosas acabam sendo geridas pelo Intérprete durante as aulas.

Trataremos primeiramente da relação entre o Intérprete e os sinais que se referem a determinados conceitos do conhecimento físico. Em uma das aulas sobre Termodinâmica o professor da disciplina, explanava aos seus alunos sobre a definição de calor, segundo ele, *“calor poderia ser considerado como a energia em trânsito que passa do corpo de maior temperatura para o de menor temperatura”*. Ao final desta aula, perguntamos ao Intérprete como ele poderia interpretar calor como energia. Para seus interlocutores, o Intérprete revela:

“Então eu expliquei para eles que mais ou menos, energia, mais ou menos, seria a energia da luz (faz o sinal de lâmpada). Calor mais ou menos, igual, a luz (faz o sinal de lâmpada).”

Do extrato anterior, percebemos que a analogia utilizada pelo Intérprete se distancia em muito do sentido de energia atribuído ao conceito de calor na Física. Desde uma perspectiva em que se analisa a aprendizagem, é possível assumir a possibilidade dos alunos interlocutores do intérprete não desenvolverem um entendimento claro sobre o conceito físico. Esta conclusão sobre a aprendizagem se aproxima daquela obtida por outros autores como Pires (2000) e Quadros (2004), que antes mesmo da intensificação da inclusão no Brasil já argumentavam que equívocos na interpretação ocasionavam falhas de aprendizagem. Destacamos, no entanto, que é compreensível que o sujeito participante dessa pesquisa faça uso dessas analogias incorretas, pois além da dificuldade específica para encontrar um sinal próprio na Libras para interpretar e explicar o conceito de calor ou outros conceitos físicos, há também a dificuldade do Intérprete em “dominar” o conceito físico que está sendo exposto. Sobre essa última dificuldade, durante a entrevista o Intérprete nos revela como ele lida com o conhecimento físico na interpretação das aulas.

“As pessoas falam que o Intérprete tem que interpretar a aula, e tipo assim, correr com a aula. Eu já não penso desta maneira, já aconteceu de eu estar tendo aula (interpretando a aula), se estou vendo que está difícil, eu paro, eu assisto, eu entendo, depois eu pego e explico pro aluno (...)”

Do relato anterior percebemos que há situações em que o Intérprete é pego de surpresa pelos conteúdos apresentados. Isto pode ocorrer devido a não haver uma preparação conjunta anterior entre Intérprete e Professor, o que faz com que o Intérprete desconheça quais serão os conteúdos apresentados em cada aula. Conforme relata o participante, o seu papel é visto muitas vezes de uma perspectiva que entende a função do Intérprete como se limitando a uma mera transmissão fiel da mensagem apresentada pelo professor. Além disso, como se pode notar em sua fala, o Intérprete assume para si uma responsabilidade pela aprendizagem dos alunos que o leva a executar ações que vão além da simples interpretação das aulas.

Isto está relacionada ao segundo conflito, tratado anteriormente, que se estabelece entre os alunos e a Libras. A dificuldade dos alunos com a Libras levou o Intérprete a iniciar um trabalho diversificado com seus interlocutores, que incluía o uso de outros meios para transmitir significados, como o uso de meios mais visuais.

A percepção mais atenuante da importância da linguagem visual por parte do Intérprete para o aprendizado dos alunos acabou influenciado nas suas práticas com relação a eles. O Intérprete relata uma prática muito interessante que é a de combinar com os alunos momentos extraclasse para que ele mesmo possa explorar os conteúdos trabalhados durante as aulas. Segundo o Intérprete os alunos eram convidados a participarem dessas atividades duas ou três vezes por semana para que o mesmo possa fazer um panorama geral dos conteúdos apresentados nas disciplinas, para assim “sanar” as dúvidas que os alunos pudessem ter com relação a algum conteúdo. Nestes momentos eram utilizados vídeos disponíveis na internet e também materiais produzidos pelo próprio Intérprete. Este trabalho extraclasse representa uma relação mais próxima entre o Intérprete e os alunos, mas para que alcance bons resultados, pressupõe que o Intérprete tenha também uma relação mais próxima com os conteúdos, semelhante ao esperado para um professor. Essa mudança no papel tradicional do Intérprete consiste não somente em assumir um papel de professor, mas também inclui assumir o papel de aluno, em alguns casos para alcançar um conhecimento que lhe ajudará quando assume o papel de professor. Durante as observações das aulas percebemos que, de fato, o próprio Intérprete assume em alguns momentos um papel de aluno, o que poderia supostamente levá-lo a dominar o conteúdo para em seguida produzir os materiais para os alunos que acompanhava. Segundo o Intérprete, este trabalho rendeu bons frutos, pois os alunos demonstraram uma melhor compreensão dos conceitos.

Relatada tal prática, voltemos ao momento em que o Intérprete lida com o conceito de calor, durante a explanação do professor. Perguntado como ele apresentou tal conceito para seus interlocutores, fazendo uso de outros materiais, o Intérprete revela:

“Naquele dia ele (o professor) falou sobre troca de calor, que passa de um corpo para outro, eu desenhei um jarro, um fogo, duas canequinhas, expliquei que uma canequinha era de vidro, a outra era de plástico. E que o calor de uma se perdia mais rápido que da outra. Então, você vai, desenha na prancheta”.

Apesar da importância desse trabalho para o contexto investigado, não podemos negar uma dificuldade intrínseca a produção desses materiais: a formação do Intérprete. Neste estudo, observamos o trabalho de um Intérprete que possui algum tipo de formação na área educacional (como dito anteriormente o Intérprete é licenciado em História), entretanto, é compreensível a dificuldade que este indivíduo possa ter com relação à produção de materiais que não sejam específicos de sua formação. Ainda que o Intérprete se proponha a realizar um trabalho extraclasse com os alunos que acompanha, o que é muito interessante para a aprendizagem dos mesmos, existe uma dificuldade presente na sua relação com o domínio dos conteúdos que não pertencem a sua área de formação. Essa relação nos possibilita repensar a relação existente entre professor e Intérprete em sala de aula.

Durante as aulas, percebemos que estas são preparadas normalmente para os alunos ouvintes, o que é compreensível considerando-se que a formação dos professores, até recentemente, não incluía orientações específicas para ambientes inclusivos. Como as aulas são preparadas para alunos ouvintes, o Intérprete, preocupado com a aprendizagem dos alunos com deficiência auditiva, acaba realizando as devidas transposições para estes. É certo que esta transposição poderia ser realizada anteriormente, a partir de um trabalho conjunto entre professor e Intérprete, mas baseando-se talvez em uma impossibilidade de que isso fosse realizado, o Intérprete comenta:

“Eu acho que nem a questão da preparação em si, é me passar assim no currículo o que vai ser dado, para eu me preparar, inclusive para fazer estes papéis com figuras e explicações, tenho que tirar xerox,

escrever texto, para mostrar para eles. Que inclusive aluno ouvinte usou e saiu bem na prova. Então também ajuda a quem tem defasagem de aprendizagem. É assim... É só me falar esse semestre “a gente vai estudar cinética, aceleração, e mais isso aqui”. Pronto! Isto já é suficiente, para eu pegar e fazer o material para eles.”

Essa relação um tanto quanto conturbada entre professor e Intérprete somada à dificuldade dos alunos com relação a Libras, acaba influenciando o trabalho do último durante as aulas. A dificuldade dos alunos com relação a Libras influi de forma efetiva no trabalho do Intérprete, pois muitos dos sinais não são de conhecimento de seus alunos, assim o Intérprete precisa explicar o sinal para o aluno, e enquanto isso a aula continua em seu fluxo habitual. Como quase sempre, não há uma preparação das aulas do professor com o Intérprete e estes momentos de interrupção da interpretação acabam prejudicando o processo de apresentação dos conteúdos para os alunos com deficiência auditiva, pois, não nos esqueçamos de que na situação investigada muitas vezes existe a necessidade do Intérprete “aprender” o conteúdo apresentado pelo professor para em seguida transpor para seus alunos. É talvez por reconhecer a não possibilidade de um trabalho conjunto que o intérprete assume para si o papel de produtor de materiais didáticos. Isto pode gerar resultados de aprendizagem inesperados, como a não aprendizagem correta de um conceito, o que pode ocorrer devido ao intérprete não possuir uma formação específica abrangendo os conceitos; ou mesmo a utilidade do material produzido, não somente para os alunos com deficiência auditiva, mas como relatado pelo intérprete, a utilidade para os alunos ouvintes.

Para finalizarmos essa análise não podemos deixar de mencionar o comprometimento do Intérprete com a aprendizagem de seus alunos. Segundo ele:

“Então, as pessoas até falam: você não é pai. Mas você pega uma certa questão de responsabilidade, o professor mesmo, quando eu entrava na sala de aula e tinha aluno que não conseguia acompanhar, você sabe que tem aluno que não quer nada, mas tem aluno que tem aquele comprometimento, e você acaba se sentindo comprometido com o aluno também. Então eu quero que eles aprendam sim. Mesmo que seja para aprender física, química e biologia, e nunca mais vejam na vida. Mas eu quero, que pelo menos, eles saibam o básico. Por que é o meu trabalho também.”

A preocupação efetiva com a aprendizagem dos alunos gera nesse indivíduo um sentimento de comprometimento com a aprendizagem dos alunos. Para o Intérprete, e concordamos, a simples interpretação das aulas não resulta na aprendizagem dos alunos, devido às inúmeras dificuldades, já relatadas, enfrentadas pelos sujeitos envolvidos no processo. Desse modo, o Intérprete toma para si a função de ser provedor dessa aprendizagem, por este motivo, encontramos tanto empenho do mesmo na preparação de materiais e de aulas extraclasse.

Conclusão

O trabalho do Intérprete é fundamental para a inclusão dos alunos com deficiência auditiva no cotidiano escolar, pois além da questão linguística, muitos professores não estão preparados para trabalhar com alunos com deficiência auditiva. Todavia, o trabalho do Intérprete não pode se resumir a mera interpretação das aulas.

Este trabalho nos proporcionou visualizar as principais dificuldades que um Intérprete em início de carreira enfrenta ao interpretar as aulas de Física. Como pudemos visualizar existe

uma dificuldade intrínseca do Intérprete na interpretação de alguns sinais próprios da disciplina de Física. Tal dificuldade perpassa também pela relação do Intérprete com o próprio conhecimento físico que está sendo interpretado. Assim, podemos afirmar que uma formação mais específica para esta aula se torna necessária.

Além disso, pudemos observar que o Intérprete toma para si a responsabilidade pela aprendizagem de seus interlocutores. Logo, vislumbramos a prática de um sujeito que busca várias formas de ação, que vão muito além da interpretação das aulas, para alcançar a aprendizagem de seus alunos. O ato de tomar para si tal responsabilidade não isenta o professor da disciplina dessa responsabilidade, e a necessidade de um trabalho conjunto entre Intérprete e professor se faz necessária para que uma real inclusão dos alunos com deficiência auditiva possa ocorrer. Todavia, o ato de tomar para si a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos possibilita reinterpretar a papel do Intérprete em sala de aula e também das relações que estabelece com seus interlocutores. Assim como Aquino (1996), entendemos que os laços traçados entre professor e aluno são necessários à aprendizagem, mas uma vez que o intérprete assume para si a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos, devemos também pensar nos laços que se estabelecem entre o Intérprete e os alunos, sendo este um ponto para o qual voltaremos nosso olhar no prosseguimento da pesquisa.

Referências

- AQUINO, J. R. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. R. G. (Org). **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus editorial, 1996.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, LTDA, 1994.
- BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. 1996.
- BRASIL, **Resolução CNE/CEB Nº 2 de 11 de setembro de 2001, institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. 2001.
- BRASIL, **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. 2002.
- BRASIL, **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. 2005.
- PIRES, C. L. O Intérprete da LIBRAS - Um olhar sobre a Prática Profissional. **Anais do Seminário Desafios para o Próximo Milênio**. Rio de Janeiro: INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2000. p.85-86.
- QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC, 2004.
- UNESCO, **Declaração de Salamanca, Princípios, Política e Prática em Necessidades Educacionais Especiais**. Paris: UNESCO, 1994,
- UNESCO, **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Paris: UNESCO, 1998
- VYGOTSKI, L. **OBRAS ESCOGIDAS V. Fundamentos de defectologia**. Madrid: Ed. Pedagógica, 1997.